



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Sal no Machado

Salt on axe

Autor: Rafael Bonavina

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Edição: RUS, Vol. 13. Nº 23

Publicação: Dezembro de 2022

Recebido em: 11/08/2022

Aceito em: 19/11/2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.200983>

BONAVINA, Rafael.

Sal no Machado (Resenha).

RUS, São Paulo, v. 13, n. 23, pp. 287-291, 2022.



Sal no Machado

Rafael Bonavina*

Resumo: Resenha do livro *Sal no machado*, uma antologia de poemas de Ossip Mandelstam, traduzidos por Astier Basílio.

Abstract: Review of the book *Sal no Machado*, an anthology of poems by Ossip Mandelstam, translated by Astier Basílio.

Palavras-chave: Ossip Mandelstam; Poesia; Literatura de cordel; Samizdat
Keywords: Ossip Mandelstam; Poetry; Literatura de Cordel; Samizdat

* Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Mestrando em Literatura Brasileira e graduação em Letras Portugêses/Russo. <http://lattes.cnpq.br/2662388651397242>; <https://orcid.org/0000-0002-9669-7708>; rafaelbonavina@gmail.com

Existem muitas peculiares correspondências entre a literatura russa e a brasileira, algumas já exploradas pela nossa crítica literária, como a importância da discussão de uma identidade nacional e uma relação complexa com a cultura europeia, outras ainda permanecem pouco exploradas, embora sejam de profundo interesse. É o caso de certo traço primitivista na literatura moderna: no caso brasileiro, salta aos olhos Mário de Andrade; no russo, Khlébnikov, autor do famoso poema “Canção Iraniana”, em que elementos da cultura popular ombreiam símbolos da modernidade. Essa interface intercultural é um campo profícuo de análise, como se poderia depreender pela abordagem do folclore nesses dois autores ou das várias pesquisas que se centraram nesse âmbito.

Nesse sentido, *Sal no machado* não se apresenta como mais uma tradução de poemas russos em formato tradicional, mas surge como uma proposta editorial interessante. Como explica na sua introdução, o tradutor e editor Astier Basílio propõe uma releitura estética do projeto gráfico do livro, aproximando o *samizdat* russo do cordel brasileiro. De uma perspectiva tradicional, o leitor mais exigente notará que a edição conta com alguns deslizes aqui e ali, o que é compreensível em um livro editado por uma só pessoa. Nesse sentido, o próprio processo editorial emula os dois gêneros editoriais, que também eram feitos de maneira solitária e, por isso, não eram impecáveis. Justamente o contrário, tinham um estilo próprio, baseado na fala popular e não na gramática normativa imposta pela cultura oficial.

Se, por um lado, o livro emula o estilo das publicações feitas de maneira amadora e clandestina da União Soviética; por outro, a capa com a xilogravura de Bebel Lélis traz o leitor ao âmbito da cultura popular brasileira, o que ainda assim ecoa esse primitivismo modernista de que falamos anteriormente. O resultado é bastante promissor e cativante, pois une forma e conteúdo em uma tradução brasileira de poemas soviéticos. Digo promissor, já que o autor deixa bastante claro que esse *Sal no machado* é um projeto incompleto, um cartão de visitas, pois sua coletânea de poemas traduzidos é bem maior que a dezena de poemas apresentados no folheto. Infelizmente, no entanto, não cabiam nesse formato e seguem à espera de uma edição completa.

De um ponto de vista tradutológico, é preciso fazer algumas considerações. Astier Basílio deixa claro que não traduziu o livro sozinho, mas contou com o apoio do professor e poeta russo Igor Bolychev, orientador de sua pesquisa acadêmica no Instituto de Literatura Górkí, onde Basílio estuda há cinco anos. Também desponta o nome de Rafael Frate, doutor em literatura clássica e atualmente professor temporário na UFRJ. Tive o *Sal no machado* em mãos e pude fazer um breve cotejo dessas traduções, facilitado graças à edição bilingue. O resultado é uma tradução poética impressionante. Livre dos vícios e macetes mecanizados dos trabalhos de iniciantes, os versos encontrados em *Sal no machado* deslizam na língua sem os cacoetes e russismos que assombram até mesmo tradutores experientes.

Por uma perspectiva acadêmica, o folheto de Astier Basílio nos apresenta uma contribuição valiosa, pois Óssip Mandelstam é um autor central da literatura soviética que ainda não foi satisfatoriamente traduzido. A antologia nos traz cerca de uma dezena de poemas, mas não é uma mixórdia de poemas desarticulados, cujo recorte é feito pelo gosto pessoal. Cada poema é apresentado individualmente em diálogo com a vida de Óssip Mandelstam, seu contexto histórico, e o tradutor aproveita para misturar comentários feitos a partir da sua experiência pessoal com o objeto. As bibliografias russas utilizadas para essas considerações contribuem muito com a nossa compreensão da obra de Mandelstam, pois introduzem temas pouco discutidos no âmbito brasileiro.

Ao meu ver, a escolha pelo modelo de cordel criou alguns problemas editoriais, que seriam difíceis de evitar. O primeiro deles é que o formato não permitiria a colocação de notas de rodapé nos poemas, então as anotações de termos de difícil tradução se encontram ao final de cada texto. Em um modelo tradicional, esses comentários teriam sido mais facilmente inseridos no fim da página. Como o nome já diz, o folheto de cordel é o avô do livro de bolso, pensado para ser pequeno e facilmente transportado, então o projeto não peca nesse sentido, só apresenta um formato fora da prática editorial contemporânea. Considerando as poucas ocorrências de dificuldades tradutológicas que Astier Basílio não conseguiu resolver em *Sal no machado* e optou pela anotação, o leitor não tem muita dificuldade para acompanhar os glossários, mas em uma edição maior isso poderia ser um problema. Nesse sentido, o formato em folheto priva o leitor de ter mais contato com os comentários críticos do tradutor, que poderiam contribuir muito com a leitura.

Problema estrutural mais chamativo está na decisão editorial de fazer uma edição bilíngue, pois o tamanho reduzido da página dificulta a justaposição dos dois textos. Caso o leitor deseje fazer um cotejo entre os dois idiomas, ele teria alguma dificuldade, principalmente ao lidar com os poemas mais longos. Um livro de proporções maiores teria facilitado esse trabalho. Contudo, outra vez, o formato tradicional descaracterizaria o projeto de aproximação do *samizdat* com o folheto de cordel.

Para concluir, então, *Sal no machado* é uma proposta interessante e inovadora. Como a maioria das inovações, encontra as dificuldades de quem tem de abrir a picada às machadadas, mas ao final cria um novo caminho a ser trilhado. Em outras palavras, traz para o centro do debate duas ideias pouco exploradas pelo mercado editorial brasileiro de traduções russas: a recriação de edições em estilo *samizdat* e a utilização do formato de folheto de cordel como suporte. Talvez por esse caminho não se chegue em um recanto de mata virgem e intocada pela humanidade, mas ele leva a uma vista fresca e ampla.

Seguindo os passos dos seus gêneros emulados, *Sal no machado* não pode ser comprado nas grandes livrarias, por isso

os interessados em adquirir um exemplar precisam entrar em contato diretamente com Astier Basílio através das suas redes sociais ou pelo e-mail: astierbasilio@gmail.com.

Referências bibliográficas

MANDELSTAM, Ossip. *Sal no machado*. Tradução, notas e texto de Astier Basílio. Campina Grande: Edições Samizdat, 2022.